

39. CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

748-757



INTRODUÇÃO

Falar da Igreja nem sempre foi uma tarefa fácil. A impressão é de que é mais fácil falar de Jesus Cristo porque, apesar de todos os escândalos que provocou, Ele não cometeu pecado (cf. Jo 8,46). E não há como ser diferente, pois a Igreja é o mistério da ação divina que é mediada pela ação humana, uma ação sempre assinalada pela fraqueza, imperfeição, falha e pecado.

Nunca podemos ignorar nem esquecer o fato de que a Igreja permanece, mesmo na qualidade de sacramento do amor de Deus, uma comunidade de homens, uma instituição humana que está muito aquém daquilo que é sua missão divina. Nesse sentido, o mistério da Igreja permanece um escândalo para o homem de todos os tempos.

No fundo, o escândalo da Igreja não é o único. No Evangelho, são três os escândalos: o da fé em Deus, o da fé em Cristo e o da fé na Igreja. Eles são inseparáveis, porque a Igreja é o sacramento de Cristo, e Cristo é o sacramento de Deus. Na ordem da salvação historicamente existente, o homem não pode conhecer quem é Deus a não ser em Jesus Cristo, e o conhecimento de Jesus Cristo e do seu Evangelho foi e continua sendo a ser transmitido pela Igreja.

Deus – Cristo – Igreja são as questões medulares da fé cristã e também do Catecismo da Igreja Católica.

TEXTO 731-747

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

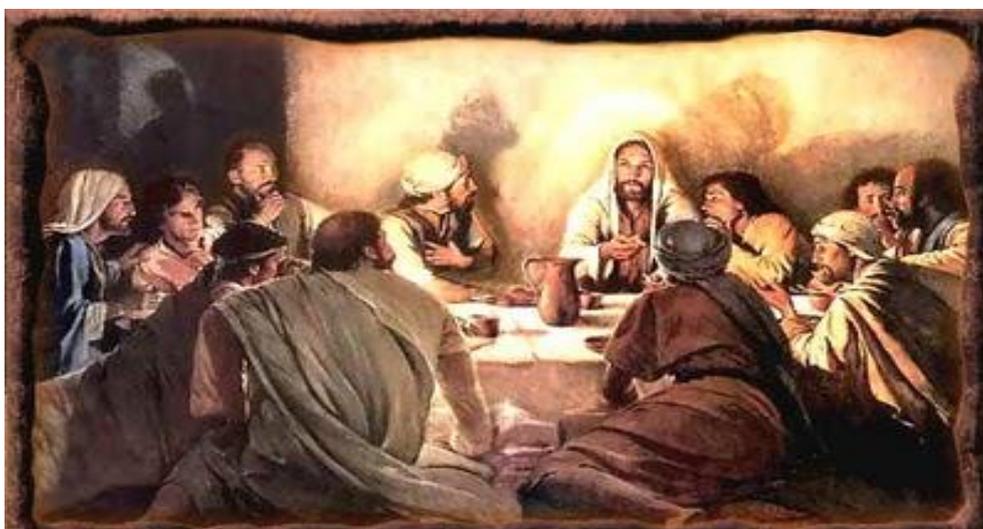
748. “Sendo Cristo a Luz dos Povos, este sacrossanto Sínodo, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda criatura e iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja”. É com essas palavras que começa a “Constituição dogmática sobre a Igreja” do Concílio Vaticano II. Com isso, o Concílio mostra que o artigo de fé sobre a Igreja depende inteiramente dos artigos concernentes a Cristo Jesus. A Igreja não tem outra luz senão a de Cristo;

segundo uma imagem cara aos Padres da Igreja, ela é comparável à lua, cuja luz toda é reflexo do sol.

749. O artigo sobre a Igreja depende também inteiramente do artigo sobre o Espírito, que o precede. “Com efeito, após termos mostrado que o Espírito Santo é a fonte e o doador de toda santidade, confessamos agora que foi Ele quem dotou a Igreja de Santidade”. Segundo a expressão dos Padres, a Igreja é o lugar “onde floresce o Espírito”.

750. Crer que a Igreja é “santa” e “católica” e que ela é “una” e “apostólica” (como acrescenta o Símbolo niceno-constantinopolitano) é inseparável da fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo No Símbolo dos Apóstolos, fazemos profissão de crer em uma Igreja Santa (“Credo... Ecclesiam”), e não na Igreja, para não confundir Deus com suas obras e para atribuir claramente à bondade de Deus todos os dons que ele pôs em sua Igreja.

PARÁGRAFO 1: A IGREJA NO DESÍGNIO DE DEUS



I. AS DENOMINAÇÕES E AS IMAGENS DA IGREJA

751. A palavra “Igreja” [“ekklésia”, do grego “ekkaléin” “chamar fora”] significa “convocação”. Designa assembleias do povo, geralmente de caráter religioso. É o termo frequentemente usado no Antigo Testamento grego para a assembleia do povo eleito diante de Deus, sobretudo para a assembleia do Sinai, onde Israel recebeu a Lei e foi constituído por Deus como seu Povo santo. Ao denominar-se “Igreja”, a primeira comunidade dos que criam em Cristo se reconhece herdeira dessa assembleia. Nela, Deus “convoca” seu Povo de todos os confins da terra. O termo “Kyriakà”, do qual deriva “Church”, “Kirche”, significa “a que pertence ao Senhor”.

752. Na linguagem cristã, a palavra “Igreja” designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Esses três significados são inseparáveis. “A Igreja” é o Povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo.

Parágrafos relacionados 1140, 832, 830



Os símbolos da Igreja

753. Na Sagrada Escritura, encontramos uma multidão de imagens e figuras interligadas, pelas quais a revelação fala do mistério inesgotável da Igreja. As imagens tiradas do Antigo Testamento constituem variações de uma ideia de fundo, a do “Povo de Deus”. No Novo Testamento, todas essas imagens entram um novo centro pelo fato de Cristo tornar-se “a Cabeça” deste povo, que é, então, seu Corpo. Em torno deste centro agruparam-se imagens “tiradas ou da vida pastoril ou da vida dos campos, ou do trabalho de construção ou da família e do casamento”.

Parágrafos relacionados 781, 789



754. “Com efeito, a Igreja é o redil, do qual Cristo é: a única e necessária porta. Ela é também a grei, da qual o próprio Deus prenunciou que seria o pastor. Suas ovelhas, embora governadas por pastores humanos, são, contudo, incessantemente conduzidas e alimentadas pelo próprio Cristo, Bom Pastor e Príncipe dos pastores, que deu sua vida por suas ovelhas”.

Parágrafo relacionado 857

755. “A Igreja é a lavoura ou campo de Deus (1 Cor 3,9). Nesse campo cresce a oliveira antiga, cuja raiz santa foram os Patriarcas e em que foi feita e se fará a reconciliação dos judeus e dos gentios. Ela foi plantada pelo celeste Viticultor como vinha eleita. Cristo é a verdadeira Vide, que dá vida e fecundidade aos ramos, que dizer, a nós, que pela Igreja permanecemos nele, sem o qual nada poderemos fazer”.

Parágrafo relacionado 795

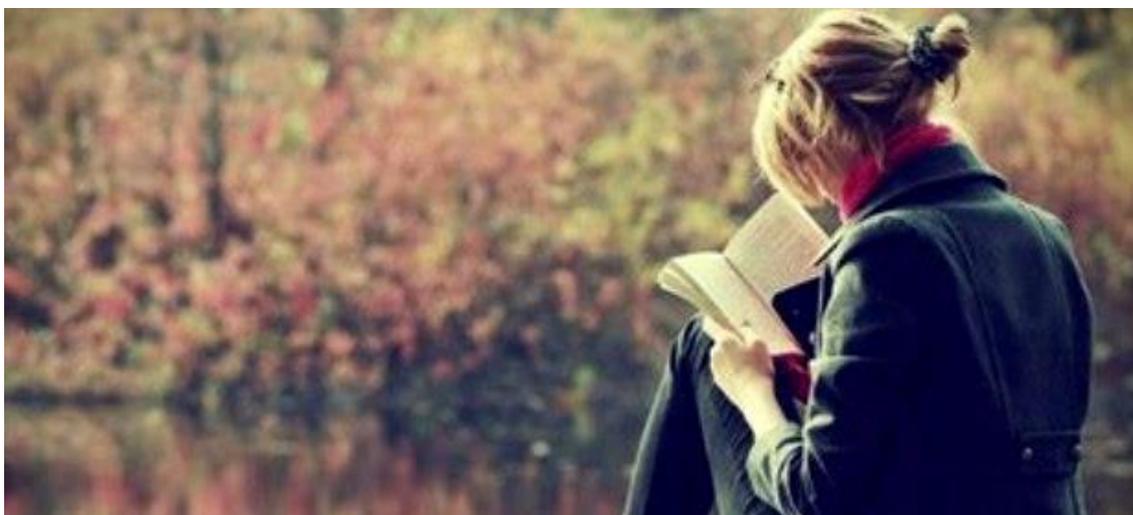
756. “Com frequência a Igreja é também chamada de construção de Deus. O próprio Senhor comparou-se à pedra que os construtores rejeitaram e se tornou a pedra angular (Mt 21,42 par.; At 4,11; 1 Pd 2,7; Sl 118,22). Sobre este fundamento a Igreja é construída pelos apóstolos, e dele recebe firmeza e coesão. Essa construção recebe vários nomes: casa de Deus (1 Tm 3,15) na qual habita sua família, morada de Deus no Espírito, tenda de Deus entre os homens e principalmente templo santo, que, representado pelos santuários de pedra, é louvado pelos santos Padres e, não sem razão, comparado na Liturgia com a Cidade santa, a nova Jerusalém. Pois nela somos, nesta terra, como as pedras vivas que entram na construção. E João contempla esta cidade santa que, na renovação do mundo, desce do céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa enfeitada para seu esposo” (Ap 21,1-2).

Parágrafos relacionados 857, 797, 1045



757. “A Igreja é chamada também de ‘Jerusalém celeste’ e ‘nossa Mãe’ (Gl 4,26). É ainda descrita como a esposa imaculada do Cordeiro imaculado. Cristo ‘amou-a e por Ela se entregou, a fim de santificá-la’ (Ef 5,26); associou-a a si por uma aliança indissolúvel e incessantemente ‘a nutre e dela cuida’ (Ef 5,29).

Parágrafos relacionados 507, 796, 1616



Revisando temas

Para entender “as denominações e as imagens da Igreja”

Para entender corretamente o que o Catecismo da Igreja Católica expõe sobre as “denominações e imagens da Igreja” é preciso assumir uma posição mental diferente.

Para o fiel, a Igreja não é primeiramente uma instituição humana ou uma realidade sociológica. No Catecismo a realidade “Igreja” é expressa mais como um objeto **relacionado ao ato de fé** do que como um tema da reflexão teológica. De fato os fiéis não experimentam a Igreja como algo que se apresenta “diante” deles. Os cristãos e a Igreja não são duas realidades diferentes.

Além disso, a Igreja é concebida como **parte do plano salvífico** de Deus, manifestado em Cristo e agora anunciado ao mundo. Em uma palavra, a Igreja é experimentada como *mistério*. Ela é mistério enquanto se reconhece como uma comunidade que, pela **decisão misteriosa** de Deus e pela sua realização em Cristo e no Espírito Santo, é chamada, reunida e santificada nos sacramentos (batismo, eucaristia e remissão dos pecados) e se realiza mediante a *koinonia* e os dons do Espírito Santo.

Esquemmatizando pode-se dizer que, de um lado, a Igreja é **evento e ação** de Deus na história, uma realidade misteriosa que nasce continuamente no coração dos homens e na vida graças à eleição, redenção e santificação divina. Por outro lado, a Igreja é a **comunhão** dos fiéis que se reúnem em um lugar ou que constituem uma comunidade. A intervenção de Deus e a ação dos fiéis em se reunir se entrelaçam profundamente.

A ekklesia = assembleia

A **assembleia do Sinai** se apresenta como protótipo e imagem exemplar da comunidade cultural tanto do AT quanto do NT. É a assembleia originária de Israel, da qual as sucessivas assembleias serão cópia e variação. No Sinai, o Povo é reunido pela primeira vez diante de Deus, e o que acontece nessa assembleia é constitutivo para todos os tempos (também para o NT). O Deuterônimo fala dessa Assembleia como “dia da convocação” ou “da assembleia” (cf. Dt 9,10; 10,4; 18,16) e utiliza o termo “assembleia” (quahal) exclusivamente para indicar a assembleia do Sinai.

O que faz de Israel uma comunidade cultural? Quatro são os elementos constitutivos (Ex 19; cf. também Js 24; Ne 8-9).

1. Deus **convoca** seu povo pelo ministério de Moisés. Foi Deus que teve a iniciativa da salvação (Ex 19,4). Ele encarrega Moisés de ordenar ao povo que se prepare (vv. 10-15).
2. Este se purifica e **se reúne** ao pé da montanha (v.17).
3. Tendo Moisés recebido a revelação da **Lei** formulada no Decálogo (Ex 20) “vem trazer ao povo todas as ordens do Senhor” (Ex 24,3). “Tomou o Livro da aliança e nele fez a leitura ao povo” (v. 17).
4. O povo **adere** a essa aliança (Ex 24,3.7): “tudo aquilo que o Senhor disse nós poremos em prática e obedeceremos”. A aliança é selada por um **sacrifício** do qual o sangue lançado sobre o povo é o sacramento: “Isto é o sangue da Aliança que o Senhor concluiu convosco por meio de todas essas cláusulas” (v. 8).

Tudo isso vale também para a Igreja na sua dupla forma e função de comunidade universal e local: Deus (o Senhor), que reúne “a sua comunidade” se faz presente nela e para ela para se comunicar pessoalmente na Palavra e no sacramento.

Povo de Deus

O NT fala da Igreja como Povo de Deus em várias passagens. Cumprindo a promessa do AT, Deus se preocupa em tirar dos pagãos um povo que lhe pertença.

“Irmãos, escutai-me. Simão acaba de expor-nos como Deus se dignou, primeiro, escolher dentre os gentios um povo dedicado ao seu Nome [para si]. Com isto concordam as palavras dos profetas, segundo o que está escrito: *Depois disto voltarei e reedificarei a tenda arruinada de Davi, reconstruirei as suas ruínas e a reerguerei. Então o resto dos homens procurará o Senhor, assim como todas as nações dedicadas ao meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas desde sempre*” (At 15,14-17; Am 9,11-12).

“Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (2Cor 6,16; Ez 37,27).

Nesses textos e noutros análogos do NT, chamam a atenção duas coisas. Primeiro o fato de que se trata sempre de citações do AT. Recorrendo à citação do AT, aplica-se ao povo da nova aliança o que era dito de Israel. Em segundo lugar, o vocábulo *kahal*, usado para indicar o “povo”, é escolhido propositalmente pelos tradutores gregos do AT e se torna termo técnico para conotar Israel. Enquanto “povo de Javé”, ele *se distingue* dos povos pagãos e das nações. No conceito de “povo” se exprime a **consciência** que Israel tinha de uma **relação particular** com Javé. O termo possui dentro de si a consciência de um senso de **contraste** em relação aos outros povos não israelitas fundado sobre uma base religiosa.

Além disso, no conceito de povo está implícita a **origem nômade**. Esse ponto de vista é importante para a compreensão neotestamentária da Igreja: ela se vê como povo essencialmente **peregrino**. Também o conceito de Deus é afetado por essa condição: Deus é, enquanto Deus dos patriarcas nômades, um Deus que **guia**, que **caminha** com o seu povo, que **não se deixa fixar** em um lugar, mas acompanha os seus na sua viagem através dos espaços e tempos. Nesse sentido, o conceito “povo de Javé” aparece frequentemente nas mais antigas tradições do Êxodo (Ex 3,7.10; 8,16-19; 9,1.13; 10,3). O Deus de Israel é o **Deus do êxodo**, e o seu povo, conseqüentemente, é o povo do êxodo, o povo que alcança a sua unidade enquanto segue o mesmo Deus.

Outro tema se liga ao termo: o povo de Deus enquanto **exército de Javé**. O Israel primitivo no deserto é, ao mesmo tempo, comunidade que se reúne em torno do **santuário** e exército no **campo de batalha**. Ele se considera comunidade cultural e tropa de soldados. “Farei sair do país do Egito os meus exércitos, o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 7,4); “os exércitos de Javé saíram do país do Egito” (Ex 12,41; cf. Nm 1; 10). A inteira história de Israel é representada como uma **guerra santa**. Essa característica “beligerante” constitui um fundamento bíblico para a concepção cristã da **Igreja militante**. “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo. Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais. Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir no dia mau e sair firmes de todo combate. Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Ef 6,10-17).

A afirmação da Igreja como **novo povo de Deus**, formado por pagãos e hebreus, que se funda na fé e nos sacramentos, que não é uma seita secreta, mas avança como em pleno dia para o Reino iminente é uma das imagens eclesiológicas dominantes do período. A *Didaché* (9,4) qualifica a Igreja como a comunidade que Deus reúne de todas as regiões da terra. Essa imagem conhece um enriquecimento de sentido ao afirmar que a Igreja é o cumprimento das promessas feitas ao povo de Israel. Essa ideia se dilata ainda mais com a representação da Igreja pré-existente (*ecclesia ab Adam, ab Abel*).

Corpo de Cristo

Para exprimir a relação da Igreja com Cristo, Paulo inventou um conceito muito significativo: a Igreja é “corpo de Cristo”. Nas cartas aos Efésios e aos Colossenses não se fala somente da Igreja como **corpo de Cristo**, mas também de Cristo como “**cabeça**” **desse corpo** (Ef 1,22s; 4,12.16; 5,23.30; Cl 1,24; 2,19). A Igreja-Corpo não só é confrontada com Cristo-Cabeça, mas é assim chamada por ser ela Cristo-no-seu-Corpo. Para a “antropologia” de Paulo o homem é homem no seu corpo; por isso o corpo é o homem sob certo aspecto e não somente parte dele. Assim no Corpo-de-Cristo-Igreja está presente o próprio Cristo. Mas como o homem está diante de seu corpo, assim Cristo está presente de maneira a estar também diante da Igreja e assim se relacionar com ela. A Igreja enquanto seu corpo não pode ser dEle separada. Ela, porém, não pode identificar-se pura e simplesmente com Ele. Cristo e a Igreja não são a mesma coisa.

Cristo-Cabeça se relaciona com seu Corpo-Igreja como **a si mesmo**. Nessa relação Cabeça-Corpo se exprime a **relação indissolúvel** de Cristo e a Igreja. Há uma **preeminência** de Cristo e uma **subordinação** da Igreja. Mais do que ter o domínio, Cristo é aquele do qual e em vista do qual o corpo “cresce” (Ef 4,15). Cristo é o **fundamento** da Igreja e o seu **fim** permanente. Ela procede dele e comparece diante dele. Ele é a **origem** (*arché* – princípio; Cl 1,18) e o **fim** do seu dinamismo interior. Ao dizer que Cristo é cabeça do seu Corpo se exprime também que o Corpo sobre a terra permite alcançar a sua Cabeça no céu. Cristo traçou no seu Corpo a **via** para chegar até ele.

A relação dos membros com o Corpo é vista a partir de duas perspectivas.

1. O Corpo de Cristo é **anterior** aos membros individuais. Nessa perspectiva, não são os membros que constituem o Corpo, pelo contrário, é o Corpo que constitui os membros nele unidos (Cl; Ef). A Igreja é um “mundo” em Cristo.
2. Mas há outro conceito de Corpo que aparece sobretudo em 1Cor e Rm. Nelas, o conceito de Corpo considera não tanto a relação com Cristo, mas primeiramente a **relação dos cristãos entre si**. O Corpo é a comunidade dos fiéis. São eles que o constituem (Rm 12; 1Cor 12,12s). Os indivíduos existem antes do que a Igreja que é representada pela união deles.

Esses dois aspectos da Igreja não se contradizem. Elas se **completam**. Para Paulo a Igreja é sempre o Corpo que em Cristo **unifica** muitos fiéis e, ao mesmo tempo, é **formado** por eles. A Igreja é o Corpo de Cristo porque tem sua origem no corpo crucificado. Nesse sentido ela é sempre anterior e mais dos que a soma dos indivíduos. É a Igreja que caracteriza todos como Corpo de Cristo.

Por outro lado, a Igreja tem sua consistência nos seus membros e na sua unidade social. Por isso ela é o Corpo de Cristo enquanto organismo que agrega a si novos membros.

A imagem paulina é rerepresentada como descrição da **comunidade local** (Rm e 1Cor) e como imagem da **Igreja universal** (cartas do cativo). Com essa imagem da Igreja Corpo de Cristo se quer exprimir a **presença interior** de Cristo na Igreja e da Igreja em Cristo, mediante a palavra, o sacramento, os dons do Espírito. A mesma imagem serve também para compreender os **ministérios**, as funções e o ordenamento da Igreja como modos e formas de edificar a unidade.

Inácio de Antioquia († antes de 117) sublinha o conceito de que a organização da Igreja **imita** e torna **presente** a mesma ordem da liturgia divina. A imagem da Igreja de Inácio é fortemente organizada e hierarquizada. No cimo, um **único bispo** por cidade, que se distingue nitidamente do **colégio** dos presbíteros e os diáconos. Não há nenhuma menção às funções carismáticas de profetas e dos apóstolos itinerantes. Essa hierarquia de três degraus é justificada por razões místicas. Os bispos são comparados a Deus Pai ou a Jesus Cristo, os presbíteros aos apóstolos, os diáconos são os “servidores da Igreja de Deus” (*Magnésios* 3,1; *Tralenses* 2,1.3).

Casa e templo de Deus

“Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o **templo de Deus**, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,16-17). Ligado a esse conceito estão os de “**edifício**” que é construído (Ef 2,19s), de “**casa**” que é empregado para designar tanto uma comunidade local (Gl 6,10) quanto a Igreja universal (Ef 2,19s) e de “**cidade** (polis) celeste” (Gl 4,21ss; Fl 3,20s). A Igreja é o templo do Espírito Santo, a santa possessão de Deus entre os homens. Habitada pelo Espírito, a Igreja é também guardiã do Espírito mediante sua santidade.

O templo não é o edifício destinado ao culto, mas a **comunidade** vivente dos fiéis. Onde quer que as pessoas se reúnam em nome de Cristo formam a casa e o templo de Deus. A comunidade se reúne para celebrar a memória de Cristo que é o verdadeiro templo no qual Deus se torna acessível ao homem e o meio pelo qual os homens têm acesso a Deus. Por essa razão os edifícios cristãos, antes do séc. V, não eram chamados casa de Deus.

Comunhão dos santos

A *communio sanctorum* é uma comunhão porque a Igreja participa dos **dons santos** concedidos por Cristo (a palavra, o sacramento) e é comunhão entre os homens que são **santificados** por causa de Cristo.

Esposa de Cristo

A relação de Cristo-Cabeça e Igreja-Corpo, na carta aos Efésios, é enriquecida pela imagem da relação **Esposo-Esposa** (Ef 5,21ss). Na Igreja, noiva e esposa, Cristo ama a si mesmo: “quem ama sua esposa ama a si mesmo” (Ef 5,28). A relação de Cristo com sua Igreja é, portanto, uma relação de amor. Evidentemente se trata do amor **previdente** de Cristo e da resposta de amor **obediente** da Igreja (Ef 5,25ss). Além disso, essa imagem também manifesta que a Igreja sempre está diante de Cristo. Ele a conduz diante de si como sua esposa esplendente de beleza. Assim o confronto inclui um **diante-dele** e um **com-ele**. Mas esse **com-ele** é apenas resposta ao fato de que **ele-está-**

com-ela. Nem se deve esquecer que a Igreja **está-sujeita-a-ele.** Ela vive com ele, está diante dele e **se salva nele.**

A imagem da Esposa de Cristo ressalta a **aliança** de amor com a comunidade por meio de Cristo. Nele se torna realidade a união de Deus com os homens. Ao mesmo tempo a imagem descreve a **não-identidade** entre Cristo e a Igreja, o caráter de contraposição pessoal e, por isso, a distância entre o Senhor e a sua comunidade. A imagem da Igreja indica uma **tarefa** e o dever que é próprio da Igreja, a de ser a comunidade dos que creem, esperam, obedecem e amam.

A imagem da Igreja Esposa de Cristo não responde somente à pergunta sobre quem é a Igreja, mas também **o que** ela é; mostra que a Igreja, na sua condição histórica e concreta é Igreja de pecadores. A imagem da *casta meretrix* aparece com frequência na eclesiologia patrística. Dentro da própria Igreja há uma distinção entre os santos e o número daqueles que, mesmo vivendo na Igreja, não concretizam na vida o ideal cristão.



Igreja Mãe

É a imagem preferida dos padres do Oriente e do Ocidente e se liga a motivos bíblicos. *Mater ecclesia* descreve a propriedade de ser a **mediadora** da verdade e da salvação. Ela é mediadora enquanto mediadora da palavra, do sacramento e da fé e enquanto deve preservar e **custodiar** o dom que lhe foi feito. Nesse sentido são compreendidos os serviços, as funções e os ministérios. Cipriano exprime essa relação com a expressão famosa: “ninguém pode ter Deus por Pai se não tem a Igreja por mãe” (*De unitate ecclesiae*, 23).

A imagem se combina também com a interpretação tipológica* de Eva e Maria evidenciando a função **vivificadora** da Igreja. A comparação entre Igreja e Eva levou à concepção muito difundida de que a Igreja teria saído do lado aberto de Cristo.

O que é Tipologia é o modo de interpretar eventos, pessoas e coisas como “tipos” que revelam em modo obscuro os “antítipos” do NT que realizam a revelação e a salvação. Assim Adão e Melquisedec são tipos de Cristo (Rm 5,14; Hb 6,20-7,28). A história do Povo de Deus no êxodo do Egito prefigura as dificuldades que os cristãos devem enfrentar e os sacramentos que recebem (1Cor 10,1-11). O dilúvio prefigura o batismo (1Pd 3,20-21) e o maná no deserto antecipa o pão da vida (Jo 6,48-51). Santo Irineu (130-200) e depois a escola de Alexandria foram atentos a esse sentido típico da Escritura que Orígenes (185-254) desenvolveu numa direção alegórica. No ocidente a

interpretação tipológica foi adotada por Ambrósio (339-397) e depois por Santo Agostinho de Hipona (354-430) através do qual passou para os latinos da Idade Média.



Mistério da lua

Uma outra imagem aplicada à Igreja é o *mysterium lunae*. A Igreja não vive nem resplende uma luz própria, mas **mediante Cristo** ela é luz. A Igreja é luz da luz, luz recebida, e o seu esplendor indica aquilo que ela recebeu. Como a lua na noite, assim a Igreja resplende, com luz reflexa, nas trevas da ignorância, da culpa e da perdição. A Igreja, como a lua, é uma **luz amortecida**, lânguida, condicionada pela sua capacidade de refletir. Enquanto Cristo irradia sempre com a mesma intensidade a sua luz, a luz da lua atravessa incessantes **fases**; cresce e diminui. Trata-se de uma imagem muito apropriada para exprimir a variabilidade do caminho e da história da Igreja. Às vezes a luz da lua quase desaparece, mas nunca se extingue totalmente. Pelo contrário, é só o início de um renascimento iminente.

O *mysterium lunae* representa também a Igreja em sua **fertilidade**. Como esposa, mãe e rainha, a Igreja morre, gera, resplende. Assim essa imagem da lua caracteriza a natureza, a função, o serviço, o caminho e o fim da Igreja.





The Lord Fulfilleth All His Words, by Clark Kelley Price, courtesy Church History Museum

Nave

A Igreja é também representada com a figura da nave que viaja no mar do mundo. Ela é fabricada com o madeiro da cruz, cujo piloto é Cristo. Nessa figura se exprime a sua condição de **perigo contínuo**, mas também a certeza de que o naufrágio é impossível e que a **chegada** é garantida. A tripulação, os equipamentos náuticos, os mapas e o antigo simbolismo marítimo servem para descrever a realidade da Igreja: os seus ministérios, a sua organização e a sua estrutura.

À figura da nave se liga a imagem da **Arca** de Noé. A Igreja, em meio ao dilúvio universal do mundo, oferece proteção e salvação. Como arca da salvação, ninguém pode se salvar sem ela; ela é necessária à salvação. Essa imagem explica em maneira plástica a expressão “*extra ecclesia nulla salus*” (Cipriano, *De unitate ecclesiae*, 6).

A imagem esclarece também a constituição da Igreja **formada de pecadores**. Em termos simbólicos a Igreja é uma arca que acolhe animais puros e impuros, mas que é ao mesmo tempo a Igreja dos que foram salvos, aos quais a graça é concedida somente ao interno dessa embarcação.

Cidade santa

A assembleia de Javé tem seu protótipo no Sinai, mas é em **Jerusalém** e **Sião** que terá o seu **cumprimento**: “Sucederá naquele dia que se tocará uma grande trombeta, e os que andam perdidos na terra da Assíria, bem como os que estão desterrados na terra do Egito, virão e adorarão a Javé no monte santo, em Jerusalém” (Is 27,13). Ela é o centro e o ponto de peregrinação dos dispersos, do resto que Javé deixou. Jerusalém e Sião são usados como sinônimos de “Israel” (cf. Is 46,13; Sf 3,14s), de “povo de Javé” (Is 40,1s; 51,16; 65,19).

Os textos do AT, mesmo que falem da cidade santa como uma realidade situada no mundo, se referem, porém, a uma **esperança** de uma nova e melhor Jerusalém que somente a ação salvífica e redentora de Deus pode criar. A Jerusalém celeste não é edificada por meios humanos, mas **desce** do céu (cf. Is 40-66; Ap 21,2.12).

A cidade santa é também a **cidade-mãe** (Sl 87). Nela, são satisfeitas duas necessidades fundamentais do homem (salvação e comunhão) sob a forma da criança que é cuidada pela mãe. A imagem da Igreja-Mãe tem seu fundamento exatamente no modelo da “Jerusalém do alto... que é nossa mãe” (Gl 4,26). “Vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e de milhões e milhões de anjos reunidos em festa e da assembleia dos primogênitos” (Hb 12,22-23).

Propriedade de Deus

Israel tem uma relação especial com Deus. Javé é o criador de Israel (Is 43,1.7); ele o fez (Is 44,2), o formou e o plasmou (Is 43,1.7.21; 44,2.21.24; 45,11). Uma vez que Deus criou Israel como sua propriedade, essa criação equivale a uma **separação**: Javé “adquiriu” Israel para si (cf. Ex 1,16), tomou-o pela mão (Jr 31,32; Hb 8,9).

Eleger significa também chamar (Os 11,1) e tem como conseqüência a separação de Israel do Egito e de todos os outros povos (Lv 20,24.26; 1Rs 8,53). Motivo último dessa escolha não reside no próprio povo, mas no **amor por Israel** (Os 11,1.4). Israel sabe que sua condição de povo de Deus é devida unicamente à ação divina que o libertou do Egito. A “eclesiologia” do AT é soteriologia, e a soteriologia é eclesiologia.

Nesse contexto de propriedade de Deus, se compreendem as diversas imagens com que o AT exprime a **relação especial** de Israel com Deus e dEle com seu povo.

Israel é

- a **plantação** de Deus, a sua **vinha** (Is 5,1-7), a sua **videira** (Jr 2,21; Sl 80,9);
- o **rebanho** que ele guia (Sl 95,7);
- antigo **servo** do faraó que passou para o serviço de Deus (Lv 25,42.55; Is 41,8; 44,1);
- **filho** de Deus por causa da eleição (Sb 18,13; Os 11,1); **primogênito** (Ex 4,22);
- **esposa** e **consorte** (Os 2,17; Jr 2,2).

Todos esses símbolos e imagens são retomados pelo NT e aplicados à Igreja. Para constatar basta ler LG 6.

Para concluir

Outras **imagens, tipologias e alegorias** ficaram de fora. De qualquer forma, essa maneira expressiva e vivaz de exprimir mistério da Igreja deixa transparecer a alegria em exprimir e compreender o que a Igreja é com a **força do símbolo**. A linguagem simbólica define menos, mas sugere mais. Por isso ela é usada para descrever o mistério da Igreja.

